

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Asas dos desejos: Erotismo, interseccionalidade e representação iconográfica no mediterrâneo do IV séc. a.C

Dra. Juliana Magalhães dos Santos (FAPESP/LABECA/MAE-USP)

Resumo: Nesta comunicação apresentaremos algumas considerações sobre as representações do Eros e as possíveis correlações entre sexualidade, desejo e morte em iconografias ápuas produzidas no IV século a.C. Dados estatísticos e análises de representações vão compor a apresentação do tema, indicando a possibilidade de uma concepção erótica interssexual, conectando as figuras representadas e quiçá o desejo dos representantes. Esse processo levará em consideração a ideia de que a demonstração do cenário imagético, da forma física(vaso) e do corpo erótico representado expressam a posição conectiva de um desejo. Seja o desejo que "paira" na memória, entre a vida e a morte, do desejo de conquista, entre a busca pela vitória e a derrota, de um desejo físico ou sexual, entre a sublimação e a contenção do corpo. A partir dessas reflexões tentaremos alcançar uma possibilidade de uma releitura da potência primitiva do Eros no centro sul da Península Itálica na Antiguidade.

No fragmento 51 (LP) traduzido por Eugênio Andrade (1974), Safo menciona: “Nem eu sei o que fazer: o pensamento dividido” (οὐκ οἶδ’ ὅτι θέω· δύο μοι τὰ νοήμ(μ)ατα). Em Albano Martins (1986) a passagem é traduzida da seguinte maneira: “Não sei o que hei-de fazer / há em mim duas vontades”. Separando as palavras e levando em consideração as maneiras como podemos traduzir a frase, inferimos a pergunta (ὅτι - o que?), a dúvida (θέω - o que fazer?) e a divisão do que pensar (δύο μοι - duas mentes [dois pensamentos]). Vou deixar as especificidades da análise linguística com os especialistas, e irei me apropriar desses questionamentos para conduzir a fala que trará algumas reflexões sobre desejo relacionadas a gênero e interseccionalidade na Antiguidade Clássica. Se pegarmos o fragmento como referência, Safo poderia estar se referindo às dúvidas advindas do desejo. O desejo do corpo para outro, a dúvida do que se pode desejar, os caminhos e a direção do desejo. Desejo esse que, muitas vezes, estava relacionado à potência criativa e ao impulso do querer na poesia mélica, lírica que circulava na Ática desde o período Arcaico. Safo, junto com Alcman, Alceu e outros associavam a expressões de seus desejos com o deus Eros ou o transfiguravam em objetos de uma vontade a ser colocada em prática.

O que ou quem Safo desejava nós não sabemos, mas o questionamento sobre desejo gera uma curiosidade. Poderia uma mulher expressar seus desejos na Antiguidade? Essa pergunta é fácil de responder. Não era comum, mas era possível que mulheres expressassem

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

em público seus desejos, posto que temos nosso exemplo, Safo. Muitas poleis na Ática (entre elas, Atenas) não reconheciam essa capacidade - a ação feminina de se expressar publicamente. Esse era um ato político, reservado aos cidadãos homens. Por outro lado, as práticas de sociabilidade estavam inevitavelmente permeadas pela ação feminina cidadã. Faço esse destaque pois nem todas as mulheres poderiam participar de ações públicas como participação em cultos e em festas. Escravas e estrangeiras domiciliadas na cidade estavam vetadas a possibilidade de acesso a bens públicos. Como os antigos queriam nos fazer acreditar, as cidadãs não estavam condicionadas por uma separação rígida entre o que era considerado como público e privado, mas faziam parte de um sistema de negociação dos espaços a partir da ação cotidiana. Decisões relativas a ritos funerários, trocas comerciais, trabalhos manuais (cerâmica, têxtil), ações familiares e festejos (casamentos, procissões religiosas) eram processos repletos de ação feminina e que constam em larga medida em iconografias, epigrafias e escritos filosóficos, épicos e proto-jurídicos na Ática. Isso significa que estamos pensando, nesse primeiro momento, em um desejo traduzido como uma vontade reconhecida entre a comunidade: desde uma prática diária, como fazer uma ação dentro da casa para a família, à uma ação cidadã, como desejar e participar de um ritual religioso ou uma celebração políade. Aqui, eu destacaria dois importantes elementos do processo: o poder de como expressar, e por que via expressar o desejo. Se analisarmos a partir do binômio “táticas x estratégias” preconizados por Michel De Certeau em *A invenção do Cotidiano*, certamente as mulheres da Antiguidade na Ática, tinha a seu favor a ação tática, não institucionalizada e não hierarquizada, que contava com o tempo, ainda que curto, e com a prática cotidiana como uma capacidade de negociar suas vontades. Ou ainda, tinham a possibilidade de veicular mensagens subterrâneas se utilizando de elementos e práticas de dominação para indicar o que queriam expressar. Isso depende, claro, do quão próximo poderiam estar do status cidadão. Quanto mais próximas, mais capacidade inventiva e de negociação possuíam. Já as instituições da polis estariam do lado das estratégias e nesse caso, ligadas ao poder masculino.

Logo, dirigir-se diretamente ao público não era possível, então como identificar um desejo feminino? Através de documentos escritos, inscrições e representações? De fato, porém, para isso é preciso levar em conta que nem todas as mulheres têm a mesma capacidade de comunicar da mesma maneira suas vontades. Diferente do acesso à fala pública, que separava os cidadãos homens dos demais grupos sociais, o corte de acesso aos vasos de terracota

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

decorados com mensagens e representações, por exemplo, não estaria relacionado à classe social, mas ao poder aquisitivo dos indivíduos. Uma cidadã pobre não poderia obter esse objeto de prestígio, enquanto uma hetaira (cortesã) com dinheiro poderia. Elas invertem a clássica perspectiva de análise que veria o gênero sob o mesmo prisma, o prisma de controle vertical das ações femininas nas polis gregas. Isso não significa que não há opressão ao gênero feminino, seus corpos e expressões, pois há. Estou me referindo ao fato de que a operação de signos sociais modifica nossa visão sobre elas. Seria como dizer que, dependendo de que perspectiva se olhe e que recorte é feito, as mulheres têm maior ou menor capacidade e elasticidade em negociar seus desejos e suas relações tendo como parâmetro a cidadania.

Nesse sentido, percebemos que as discussões sobre interseccionalidade são essenciais para olharmos para os objetos que escolhemos analisar, de acordo com nossas áreas de interesse. A partir dos estudos de gênero, e em específico, a partir da perspectiva que abordo, denominada “Regimes de Gênero” (CUCHET, 2014), compreendo que as noções de “ser mulher” e “ser homem” se modificam de acordo com a geografia, com o status social, o poder aquisitivo, a temporalidade, a idade, a etnia, raça, etc. Porém esses processos não devem ser pensados de maneira estanque e com uma perspectiva de análise fixa: “irei analisar somente as mulheres cidadã... mas quais? as ricas? as pobres? as trabalhadoras? ou todas em um processo comparativo?” Para o exemplo, elas devem ser analisadas em conjunto, como um sistema em que as partes se movimentam ao mesmo tempo, porém de maneiras diferentes. Isto quer dizer que de acordo com as reflexões que me atento, o processo de análise depende de variáveis sensíveis, cujo sistema de controle ou opressão social exerce forças diferentes. Para exemplificar de maneira rápida, pego como exemplo minha tese em que reflito sobre a relação entre gênero e sexualidade feminina em Atenas. Em um dos capítulos, trato das mulheres da Ática com poder aquisitivo alto ou relacionadas a elite que podiam pagar ou receber vasos de terracota decorados com elementos iconográficos. A partir desse recorte, percebo que apesar da capacidade econômica, cidadãs e não cidadãs eram representadas de maneiras diferentes. As cidadãs de maneira geral eram representadas a partir de expectativas ideais, com corpos, poses e gestos que remeteriam à perspectiva de uma mulher “bela, recatada e do lar” ou Mélissa, como denomina Fábio Lessa (2002). Já as não cidadãs poderiam ser representadas com corpos deformados, em poses degradantes ou pouco refinadas, em um nu não simétrico, ou ainda associadas a símbolos que remetiam a seu baixo status social, como bolsas de dinheiro,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

peles de pantera ou ainda cabelos curtos. Graças às perspectivas intersessionais, é possível um olhar mais apurado sobre a vida das mulheres na Antiguidade, para nos distanciarmos do popular senso comum de que “todas as mulheres são iguais”. Claramente não são.

E afinal, o que seria interseccionalidade? O conceito de interseccionalidade, desenvolvida por Kimberlé Crenshaw (1991) é “uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais” (Bilge, 2009:70). E para pensar o conceito aplicado na Antiguidade é preciso considerar que a ideia de gênero, sexualidade, representação social, etnia, poder político e econômico não partiam dos mesmo princípios, não eram vividos e percebidos como nós fazemos hoje.

Então, vamos aos exemplos. Vamos ver alguns documentos analisados à luz dos estudos de gênero e da interseccionalidade que podem indicar como eram expressos os desejos femininos. No texto *Contra a Madrasta por Envenenamento*, Antifonte argumenta em determinado momento, que a concubina “Pensando ser uma inspiração feliz, (...) deu a Philoneos [seu amante] o maior cálice [com uma poção]; ela imaginou que, se lhe desse mais, Philoneos a amaria (*φιλησομένη*) ainda mais” (1.19). A poção também foi ministrada em menor dose pela madrastra na taça do pai do depoente, com objetivo semelhante, o que o levou à morte vinte dias depois. De acordo com ele, ela já “tinha planejado envenenar nosso pai em uma ocasião anterior, que a pegou em flagrante e ela admitiu tudo - exceto que não era para matá-lo, mas para restaurar o amor (*φίλτρον*) dele para ela” (1:9). Apesar das consequências, o relato de Antifonte não diferencia os desejos das mulheres apesar de pertencerem a diferentes grupos sociais (uma cidadã e outra concubina). A diferença está na penalização da ação: não ficamos sabendo sobre o castigo imputado à cidadã, mas a concubina recebe castigos corporais indicando uma possível morte (1:20). A penalidade da concubina também pode ter relação com a produção e indução da ação de ministrar a poção, sendo ela uma pessoa de baixo status social. Aliás, quando menciono a diferença na penalização entre as duas mulheres, apesar de não conhecermos o resultado da pena da madrastra, me baseio em outras produções da oratória cujas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

penalidades de ações de mulheres cidadãs não ultrapassam a restrição de circulação em locais públicos. Esse é o caso da mulher de Eufileto em *Contra o Assassinato de Eratostenes*, também de Lísias (1). Ela, uma cidadã, trai o marido com outro cidadão e tem seus direitos cerceados para não abrir brechas quanto aos questionamentos sobre a descendência do filho de Eufileto. Seu desejo sexual está explicitado na descrição das táticas desenvolvidas para despistar o marido e se encontrar com Eratóstenes, cuja o destaque está na cena em que os dois são pegos praticando atos sexuais na casa de Eufileto. O caso da madrasta e da mulher de Eufileto apontam para o fato de estarmos diante de um desejo diferente do que foi mencionado acima. Aqui nos deparamos com o desejo físico, relativo à estima pessoal, ao desejo sexual e ao convencimento de relações pessoais. Esses elementos se assemelham à intencionalidade marcada pela poesia mélica e por vezes encontrada nos escritos de Safo.

Logo, o desejo feminino em nada se difere do masculino [a potência do sentir], mas suas consequências sim. O *phármakon* ministrado pela madrasta remete ao mitológico assassinato de Hércules praticado por Dejanira (Sófocles, *As Traquínias*). Nesse sentido, ambos os casos de indução do interesse romântico/sexual mostram que a dose excessiva da poção (*phíltron*) funcionou como veneno (*phármakon*)¹. O *péplos* envenenado do herói dado por sua esposa, ao invés de reavivar o desejo e o interesse romântico, gerou a morte, revelando que a tentativa de controle das emoções e da sexualidade masculina está fora do alcance feminino. O interesse do caso do envenenamento é provar a premeditação associando a madrasta a Clitemnestra², que é inserida no discurso para reforçar a argumentação com a noção mitológica da esposa que calcula friamente o assassinato do próprio marido. Ainda que o ato praticado por ambas não seja o mesmo, a *mêtis* feminina³, ardilosa e engenhosa, compõe o

¹ COLLINS, C. Reading the written image: Verbal Play, Interpretation, and the Roots of Iconophobia. University Park, P. A. Penn State Press, 2008, p: 136.

² Antifonte 1:17

³ Segundo Vernant e Detienne conceito de *mêtis* é amplo e pode ser definido como “uma potência de astúcia e engano” (2002:29), que permite àquele que a possui a chance de “vencer” uma causa sem o uso da força. Ela consegue estimular a astúcia (*dólos*), se apropriar das vantagens (*kérdos*) e incorporar, a partir de uma noção de momento oportuno, as ocasiões particulares para dominá-las (*kairós*). Esta conjunção de fatores nivela as ações daquele que está imbuído de *mêtis*. Logo, os efeitos desse processo são ambíguos: “ora se verá aí o produto de uma fraude, a regra do jogo não tendo sido respeitada. Ora ele provocará tanto mais admiração quanto terá surpreendido mais” (p. 19). Nas palavras dos autores, a *mêtis* é uma complexa noção, pois é “uma forma de pensamento, um modo de conhecer; ela implica um conjunto complexo, mas muito coerente, de atitudes mentais, de comportamentos intelectuais que combinam o faro, a sagacidade, a previsão, a sutileza de espírito, o fingimento, o desembaraço, a atenção vigilante, o senso de oportunidade, habilidades diversas, uma experiência longamente adquirida; ela se aplica a realidades fugazes, móveis, desconcertantes e ambíguas, que não se

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

quadro que aproxima ambas as assassinas. A estratégia consiste na aproximação do ato da madrasta a uma narrativa compartilhada no imaginário social helênico, evocada e incorporada no discurso para que esse seja compreendido pelos seus pares. Clitmnestra além de desejar a vingança contra Agamemnon, tem desejos sexuais por Egisto, primo do marido; enquanto a madrasta e a concubina também desejam o afeto dos seus companheiros. Todas são punidas por desejar, mesmo que suas condições marquem destinos diferentes devido à temporalidade e a natureza documental das fontes (tragédias/discursos jurídicos). O desejo feminino é perigoso, fere e mata. Inclusive Djanira, que se suicida. Logo, a tentativa de fazer uma “tábula rasa” do sexo feminino como uma condição astuciosa em estado latente projeta uma invisibilização do desejo feminino. Isso acontece porque a narrativa heróica e cidadã não podem inverter o padrão da premência do desejo masculino que ocupa e solidifica a base social e as instituições da polis.

Relembrando Safo, a indecisão do que fazer com seus desejos poderia levar em consideração os desdobramentos, as consequências de quando uma mulher deseja algo. Como o uso da violência. Na iconografia ática produzida no final do período arcaico e o começo do clássico é possível encontrar representações de relações sexuais entre hetairai (cortesãs) e cidadãos em que há a sugestão de atos violentos. A mão levantada acima da cabeça em um ângulo de 90° por vezes com sandálias ou objetos em formato ovóide como pedras podem ser encontrados em iconografias de figuras vermelhas. Não sabemos a dimensão do desejo feminino nesses contextos, mas é possível intuir que essa não era uma variável pertinente na equação, dada a natureza da troca monetária ou de presentes da relação. Para as imagens pornográficas, onde não estão representados atos de sedução entre os participantes, o desejo e o prazer masculino é tema e objeto central da representação. A imagem com conteúdo pornográfico e com prostitutas até onde sabemos, foi paulatinamente censurada no intuito de dar ênfase às qualidades cidadãs de homens e mulheres. Estariam os desejos femininos representados na iconografia para os Atenienses?

Na representação iconográfica da Ática, o modelo cidadão direciona o desejo feminino para o casamento indicando através do Eros que o prazer sexual estava diretamente ligado aos fins reprodutivos. O Eros é um acima de tudo o desejo cívico. Diferente da erótica masculina que se debruçava na sugestão, na sedução, na caça, na troca de olhares e no contato, o desejo

prestam nem à medida precisa, nem ao cálculo exato, nem ao raciocínio rigoroso” (2002:11). Ver em: VERNANT, J. P.; DETIENNE, M.: *Metis: As Astúcias Da Inteligência*. São Paulo. Editora Odysseus, 2008.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

feminino contava com a presença da figurativa do deus, reforçando a ideia de que o símbolo precisava retirar uma mensagem específica. Ao que parece o Eros retirava o conteúdo sexual de uma satisfação física feminina para direcioná-lo para uma satisfação política masculina, em que o mais importante não era o gozo feminino, mas o gozo proporcionado por ele. De fato, não conseguimos expressar com exatidão o grau de desejo das mulheres, mas dos homens não faltam exemplos físicos e políticos de que a cidadania e a satisfação de seu próprio prazer era um elemento de orgulho que deveria ser mantido. Isso significava dizer que o prazer feminino não poderia ser representado? Poderia, e certamente foi. Não é possível mensurar o desejo feminino que uma representação iconográfica poderia expressar, mas não podemos deixar de lado a possibilidade de uma leitura das imagens eróticas sem levar em conta os desejos femininos. A expectativa para o ato sexual após o casamento, uma vida sexualmente ativa ou que se desejava ativa mas não foi (levando em consideração os contextos funerários) podem ser sugestões em aberto para tais desejos. Segundo Nancy Rabinowitz, as representações iconográficas poderiam ter múltiplas leituras, incluindo a necessidade de expressar o interesse feminino, ainda que fosse provável que esse não fosse o objetivo primário. Deixar de lado uma leitura sobre os desejos femininos na representação iconográfica é reiterar a perspectiva historiográfica antropocêntrica e, dada a tensão de forças sociais, não conceder às relações entre gêneros o papel que as mulheres exerciam em Atenas e em toda Ática. Nesse sentido uma cena de casamento com trocas de olhares e representações eróticas sobrevoando os noivos poderia ser vista, além da leitura feita acima, como uma perspectiva que incitava o espectador a ter o mesmo para si.

Deixando de lado as sugestões, para terminar gostaria de citar duas representações iconográficas sobre o desejo e erotismo de duas regiões diferentes para indicar que as mulheres de uma mesma classe social (Elite) poderiam ter desejos diferentes e para tal serem representadas de maneira parecidas. Relembrando que as representações podem estar de acordo com a região, com os costumes que viviam e com a classe social que pertenciam. Segundo a análise de Sandra Boehring, até o momento, a única imagem de denota prazer homoafetivo entre duas mulheres é apresentada em um prato policromático encontrado em Théra, em 620 a.C. Para a autora, as mãos de uma mulher levantando o queixo de outra, com rostos próximos e encontro de olhares repete um motivo iconográfico largamente encontrado em representações homoafetivas masculinas ao longo de todo o período arcaico na Ática. Para Fábio Vergara, a

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

sedução do olhar e o toque corporal são indícios de relacionamento amoroso e envolvimento entre homens e mulheres em representações iconográficas encontradas na região centro-sul da Itália, indicados em estudo recente publicado na Revista de Estudos Clássicos. Em um movimento parecido com a iconografia de Théra, uma peliké ápula de 320 a.C atribuída ao Grupo de Egnazia, mostra um casal heteroafetivo sentado trocando olhares, tendo o homem com a mão direita no queixo da mulher. Em ambos os casos, a inclinação e proximidade feminina indicam prazer no gesto. É possível supor que tal influência temática tenha chegado à região não através do contato com os gregos áticos, mas através de trocas comerciais e sociais com os Etruscos. As representações de banquetes conviviais indicavam uma larga interação entre homens e mulheres em celebração, e cuja representação de desejos masculinos e femininos era bem vinda para a harmonia social. A influência etrusca teve impacto não só na representação de casais e trocas heteroafetivas, mas também na maneira como o Eros, essa criação e personificação Ática, passou a ser assumida na região centro-sul da Itália. Para a região ele poderia ser o indicador de que o desejo era via de mão dupla e que o corpo da potência erótica era um caminho em que transitavam os desejos dos indivíduos. Fossem os desejos sexuais que saiam de um corpo para atingir o outro, ou desejos que transcendem o corpo em direção a morte se contarmos com uma possibilidade de leitura do aspecto funerário dos vasos. Portanto, é preciso ter em mente que Atenas e suas representações iconográficas indicam uma entre muitas possibilidades de leitura sobre gênero e desejo na Ática. Na região havia uma diversidade de como se expressar e de se enxergar o prazer feminino, indicando que Atenas talvez tenha sido uma exceção ao invés de regra. No final, somos um gênero, somos uma unidade sob as formas de dominação e violência, e ao mesmo tempo somos muitas em nossas particulares, gostos e desejos e maneiras de sofrer e driblar as estratégias de controle masculino. Pois assim, Safo de fato tem razão. É possível ter muitos desejos, ter medo deles, e estar dividida entre eles. E por isso acredito que Safo talvez seja uma indicação simbólica da complexidade de se expressar os desejos. Eles são muitos, se divide em muitas partes e se expressa de muitas maneiras e em vários lugares. E a interseccionalidade serve justamente para mostrar que a antiguidade é sinônimo de diversidade.

**ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História
Rio de Janeiro/RJ, 2021**